

APRESENTAÇÃO

O INSÓLITO FICCIONAL NA LITERATURA DO FINAL DO SÉCULO XX E NO SÉCULO XXI

ANA LÚCIA TREVISAN*

CRISTHIANO AGUIAR**

O insólito, até tempos recentes, constituiu um tema bastante marginal nos estudos acadêmicos brasileiros. O presente dossiê, contudo, é publicado na consolidação do insólito como objeto de estudo da pesquisa e da crítica literária produzidas em universidades brasileiras. Em um intervalo de aproximadamente duas décadas, surgiram revistas, livros, artigos, grupos de pesquisa, bem como trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, voltados a pensar inúmeras dimensões do insólito.

Se, inicialmente, fundamentadas em especial nas ideias pioneiras de Todorov (2004) em seu clássico livro *Introdução à literatura fantástica*, o termo mais frequente tenha sido o uso do “fantástico” para definir os objetos de estudos dessas pesquisas, entendemos que o termo “insólito” se consolidou no âmbito acadêmico brasileiro. O presente dossiê, portanto, trabalha o “insólito” como um macrogênero. Logo, entendemos o insólito na mesma perspectiva de Flavio García (Matangrano; Tavares, 2018, p. 181):

Nesse sentido, pode-se dizer que existem, no mínimo, dois sistemas narrativo-literários: um real-naturalista, comprometido com a representação referencial da realidade extratextual; outro

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: analucia.pelegrino@mackenzie.br

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: cristhiano.aguiar@mackenzie.br

insólito – não real-naturalista –, que prima pela ruptura com a representação coerente, congruente, verossímil da realidade extratextual.

O insólito é, portanto, na visão de Matangrano e Tavares (2018, p. 20), uma “macrocategoria” (o mesmo que o nosso termo “macrogênero”), dentro da qual todas as demais manifestações do “não real-naturalista” podem ser agrupadas. Ainda segundo Flavio García (2018):

O recurso a estratégias de construção narrativa que promovem a instauração do insólito implica a composição de espaço, tempo ou personagens, isolada ou conjuntamente, bem como a efabulação, em desacordo com sua estabilidade no mundo objetivo que se toma por base para a elaboração dos mundos textuais. Disso resulta que as imagens conformadas no texto apresentem traços que borram, rasuram, arranham, fissuram, quebram, rompem, em diferentes graus, aspectos advindos de seus referentes buscados na realidade extratextual de que se nutre. Tal faz com que o produto desses procedimentos discursivos afaste-se, igualmente em escala variada, do produto costumeiramente advindo do emprego de protocolos comprometidos com o sistema semionarrativo real-naturalista.

Percebe-se, portanto, que a definição do insólito em um determinado texto literário deve levar em conta duas dimensões. Primeiro, o contraste do mundo criado com um determinado conceito de espaço-tempo e organização empírica definido por um mundo pautado por uma visão capitalista, eurocêntrica e influenciada por modelos explicativos da ciência ocidental contemporânea. A segunda dimensão, porém, é ainda mais importante, por se pautar por uma percepção estética: o insólito se define por produzir universos ficcionais que se modulam de modo diferente aos modelos de realidade presentes em obras realistas-naturalistas. Dessa forma, uma obra cuja visão de mundo esteja marcada por uma cosmovisão diferente da capitalista, científica e ocidental, cosmovisão essa considerada o estatuto fundamental da realidade segundo determinada cultura, ainda assim pode vir a ser considerada “insólita”, por produzir um mundo ficcional que não converge com a tradição narrativa realista-naturalista.

Por ser um macrogênero, o insólito é, portanto, o amplo “guarda-chuva” dentro do qual outras vertentes, as subvertentes do insólito, abrigam-se. É o caso do conto fantástico do século XIX, da fantasia, da ficção científica, do neofantástico, do horror sobrenatural, entre outras tantas possíveis variações

do insólito. Quais são, de modo geral, as abordagens possíveis de estudo do insólito? Segundo Ana Lúcia Trevisan (2023, p. 10), elas se dividem em dois caminhos:

Quando examinamos as situações e seres insólitos mobilizados em distintas formas narrativas, é possível apontar, ao menos, dois caminhos de análise crítica. Primeiramente, pensar no exame dos sentidos simbólicos e metafóricos imanentes a tais construções imagéticas, que podem emoldurar imaginários de diferentes culturas, revelando aspectos ancestrais, compondo referenciais de uma identidade coletiva, como no caso dos relatos míticos, contos populares, folclóricos e até mesmo os contos de fada, ou, ainda, dialogando com os dramas humanos em diferentes temporalidades (TREVISAN, 2014). Também apresenta-se como possibilidade de análise crítica, o exame das estratégias narrativas utilizadas para a composição dos eventos insólitos, ou seja, certo *modus operandi*, que aponta distintos graus de tensão ou disjunção dos mundos possíveis e impossíveis presentes nos relatos, o que termina por estabelecer limites entre as ficções do fantástico, do maravilhoso, do horror, da fantasia ou da ficção científica.

Imagem e retórica: pensar de que maneira estratégias discursivas típicas da literatura insólita atuam a fim de criar efeitos de assombro, angústia ou maravilhamento, por exemplo. Os efeitos possíveis das narrativas insólitas são mapeados por meio de um debate que inicia e finaliza no próprio texto literário pertencente a esse macrogênero. O trabalho da crítica literária, portanto, busca entender como as tramas do texto ficcional constroem imagens, verossimilhanças próprias, emoções e visões ideológicas mediante os específicos recursos do insólito.

Partindo dessa premissa, foram escolhidos e organizados os artigos que compõem o dossiê “O insólito ficcional na literatura do final do século XX e no século XXI”. O dossiê trabalhou não somente com um recorte teórico – o insólito –, como também com um recorte temporal: a contemporaneidade. A escolha de produções publicadas nas últimas décadas se justifica por dois motivos. Primeiro, trabalhar com a literatura contemporânea, por meio de diferentes categorias teóricas que buscam entender tal produção, tem sido um objeto de pesquisa dos organizadores do dossiê.

Segundo, entendemos que tem havido, como é natural, um foco, na reflexão acadêmica acerca do insólito, em relação a obras e autorias canônicas. Nesse sentido, variados estudos pensam momentos fundamentais do insólito

no século XIX, em especial nos registros do gótico e do fantástico, ou de algumas vertentes da literatura fundamentais do século XX: o insólito modernista, o neofantástico e o realismo maravilhoso. Todas essas vertentes continuam a ser relevantes; queremos entender não só como o contemporâneo as atualiza, mas também compreender que outras vertentes do insólito assumiram maior protagonismo em tempos recentes.

Assim, se pensamos em um contexto latino-americano, por exemplo, percebemos a retomada do gótico, atualização feita de maneira muito frequente por vozes femininas. Temos, igualmente, percebido a retomada do realismo maravilhoso por meio de questões de identidade, seja de raça ou de gênero, que se juntam ao debate sobre identidades étnicas, regionais ou nacionais. Um terceiro e último exemplo: a ascensão, na literatura brasileira, da fantasia em suas diferentes variações, tornando essa vertente uma das mais consumidas e lidas pelo público leitor do nosso país, em especial entre leitores jovens.

O dossiê “O insólito ficcional na literatura do final do século XX e no século XXI” publica excelentes artigos de pesquisadores e pesquisadoras de diversas instituições brasileiras: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade de São Paulo, Universidade da Amazônia, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual de Londrina, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O artigo “O insólito do curta-metragem *Bao*: análise das estratégias e dos efeitos narrativos” parte das reflexões elaboradas por Tzvetan Todorov para compreender a animação *Bao*, criada pelos estúdios Pixar e Disney, examinando os efeitos de sentidos utilizados para mobilizar o leitor no âmbito de uma construção narrativa em computação gráfica que mobiliza elementos insólitos e questiona, ainda, os limites do gênero fantástico.

O artigo “O fantástico em ‘Os olhos que comem carne’, de Humberto de Campos: quando a ciência desvela o espírito” apresenta a discussão dos elementos insólitos presentes no conto “Os olhos que comem carne”, do escritor maranhense Humberto de Campos (1866-1934) por meio das perspectivas teóricas pontuadas por Todorov e, também, examina a construção narrativa de uma atmosfera de ficção científica entrelaçada com o horror.

No artigo “Escavações no insólito-grotesco: abrindo buracos”, propõe-se uma reflexão sobre o insólito ficcional em sua relação com o grotesco, compreendido aqui como estética contemporânea, atualizada no século XXI. Por

meio da análise da narrativa “Buraco”, do escritor Daniel Pellizzari, examina-se como o insólito-grotesco se manifesta e revela a aceitação do absurdo travestido de racionalidade.

O artigo “Insólito e religiosidade afro-brasileira no conto ‘Lua cheia’, de Cidinha da Silva” pensa mais uma vez a produção brasileira contemporânea. O viés do artigo consiste em pensar de que forma religiões de matriz africana também são fontes de inspiração, para além do imaginário eurocêntrico, para a construção de imagens insólitas no conto brasileiro atual.

O artigo “O luto como desencadeador do insólito e do duplo no livro *Alice em Sonhos*” apresenta uma análise da obra do escritor niteroiense Leslie Lothar C. Hein, publicada em 2021, a fim de compreender como o insólito e o duplo são desencadeados pelo luto da personagem principal do enredo, Alice. Dessa forma, o papel do luto é entendido como chave desencadeadora do insólito na narrativa e do duplo, compreendido como um simulacro platônico.

No artigo “Entre o ser e o ter: o espaço ficcional na construção do insólito em *Kentukis*, de Samanta Schweblin”, estudam-se a construção espacial e os recursos narrativos utilizados para a construção do insólito na obra *Kentukis*, da escritora argentina Samanta Schweblin. Examina-se o espaço ficcional como um agente ativo da obra, em constante diálogo com as personagens, compondo o que a estudiosa Claudia Barbieri denomina “cartografia simbólica”.

No artigo “Antes só do que mal acompanhado: a vingança como face do horror nos contos ‘Se você não for, será pior’ e ‘Aos pedaços’, de Sinara Foss”, são analisados os referidos contos que compõem a obra *Plural de fêmeas*, de Sinara Foss, uma autora contemporânea de contos fantásticos e de terror. O estudo se concentra na compreensão dos elementos insólitos que evidenciam o horror como forma de denúncia social, destacando o protagonismo feminino na sociedade e na ficção.

No artigo “Um olhar sobre o gótico na literatura brasileira: o insólito e o medo no conto ‘A dança dos ossos’, de Bernardo Guimarães”, estuda-se o conto “A dança dos ossos”, a fim de compreender como os elementos insólitos criam os efeitos do medo, destacando a presença do gótico. Nesse estudo, destaca-se a presença do gótico na literatura brasileira como um recurso singular e importante.

O artigo “Destruição e resistência: uma leitura do insólito em *Os transparentes*, de Ondjaki” investiga a coexistência de elementos pré-capitalistas e capitalistas nos textos da periferia do mundo contemporâneo e examina a

relação entre características sobrenaturais e as inconsistências das periferias, elaborando, assim, uma compreensão dos elementos insólitos presentes na narrativa de Ondjaki.

No artigo “A experiência da pandemia pela visão da literatura fantástica: ‘As onças’, de Cristhiano Aguiar”, propõe-se a análise das formas de representação da experiência pandêmica a partir da tensão entre as nuances da narrativa fantástica e as demandas sociais contemporâneas. Examinam-se definições convencionais do gênero fantástico, a fim de debater os limites da representação literária da experiência da pandemia de Covid-19 no Brasil.

No artigo “Monstrificação feminina como ferramenta de ruptura e denúncia em ‘As coisas que perdemos no fogo’, de Mariana Enriquez”, compreende-se a narrativa da autora argentina por meio de uma dimensão alegórica e temática, examinando os elementos do monstruoso construídos na narrativa como ferramenta de denúncia de problemáticas referentes à violência de gênero.

A qualidade e a diversidade dos artigos do presente dossiê mostram quanto os estudos acadêmicos do insólito vivem um momento de rica efervescência na universidade brasileira. A partir de diferentes objetos de estudo e instrumentais teóricos, entendemos que o dossiê “O insólito ficcional na literatura do final do século XX e no século XXI” faz uma contribuição consistente para o debate crítico sobre literatura contemporânea e insólito.

REFERÊNCIAS

GARCÍA, F. Prefácio. In: MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2018. p. 9-16.

MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TREVISAN, A. L. *Na literatura, o insólito*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2023.